

O CURSO DE LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO E O CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL: O QUE DIZEM SEUS EGRESSOS¹

THE COURSE OF COMPUTER SCIENCE AND THE FIELD OF PROFESSIONAL ACTIVITY: WHAT SAYS ITS GRADES

- **Luana Almeida Ayala** (UFGD – luhanaayala@hotmail.com)
- **Elizabeth Matos Rocha** (UFGD – elizabeth.matosrocha@gmail.com)

Resumo:

Este artigo objetiva apresentar a opinião dos egressos sobre o campo de atuação dos profissionais de Licenciatura em Computação (LC). O lócus da pesquisa aconteceu no estado de Mato Grosso do Sul, visto que os 35 pesquisados concluíram o curso de Licenciatura em Computação, nos anos de 2014 e 2015, na modalidade a distância, da Universidade Federal da Grande Dourados. Para tanto, algumas questões foram levantadas, tais como: Qual a área de atuação dentro da escola pública, uma vez que ainda não há a disciplina de tecnologias nos currículos das escolas públicas de Mato Grosso do Sul? Como os egressos visualizam seu campo de atuação profissional? A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista semiestruturadas, os resultados da pesquisa evidenciaram que o curso de LC tem um grande potencial e seus alunos egressos demonstraram estarem aptos e dispostos para trabalhar na educação básica, seja como Professor Gerenciador de recursos midiáticos, a exemplo do PROGETEC, seja como professor de uma disciplina que envolva tecnologias educacionais, sobretudo, as digitais.

Palavras-chave: Formação docente, Licenciatura em Computação, Tecnologias Educacionais

Abstract:

This article aims to present the opinion of the graduates on the field of action of the professionals of Licenciatura em Computação (LC). The locus of the research was in the state of Mato Grosso do Sul, since the 35 respondents concluded the course of Degree in Computing, in the years 2014 and 2015, in the distance modality, of the Federal University of Grande Dourados. To that end, some questions were raised, such as: What is the area of action within the public school, since there is still no technology discipline in the public school curricula in Mato Grosso do Sul? How do the graduates visualize their field of professional activity? The data collection took place through a semi-structured interview, the results of the research showed that the LC course has a great potential and its alumni demonstrate to be able and willing to work in basic education, either as a Manager of media resources, as an example of PROGETEC, or as a teacher of a discipline that involves educational technologies, especially digital ones.

Keywords: Teacher training, Licenciatura in Computing, Educational Technologies

¹ Trabalho desenvolvido com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

1. Introdução

A sociedade eletrônica, caracterizada pela comunicação difusa, tem substituído a cultura livresca pelas formas virtuais de leitura. Muda, portanto, a forma como se produz conhecimento devido à rapidez e alcance com que uma informação pode ser conhecida globalmente (KELNER, 2001). O telespectador, por exemplo, não se limita mais à condição passiva de assistir o jornal. Pelo aplicativo baixado no celular pode capturar e enviar em tempo real uma notícia e em instantes o que era informação local torna-se de conhecimento público. Nesse bojo, a educação e o ambiente escolar têm sido convidados a atualizar-se frente ao mundo tecnologicamente digital por ter, nos professores e alunos, sujeitos sociais que possuem computadores e celulares ligados à internet (AYALA, 2017).

Embora a sociedade contemporânea utilize largamente as tecnologias digitais em suas atividades, nota-se que o ambiente educacional, sobretudo o escolar, tem dificuldade em dar um significado maior ao seu uso nas atividades de aula, já que o uso de aplicativos off-line ou online, via computador, tablet ou celular, mesmo nos dias atuais, são vistos com resistência de uso pedagógico por parte de alguns professores. A escola é, reconhecidamente, um espaço do conhecimento, mas por estar sujeita a fatores condicionantes que delimitam as concepções de homem e de sociedade, tem sido compelida a se adaptar a essa realidade da sociedade do conhecimento.

Deste modo, o professor, enquanto mediador da aprendizagem é, ainda, um referencial consistente para aquisição do conhecimento, a partir da oralidade. No entanto, precisa de um discurso e prática atualizados, devido ao público de crianças, jovens e adultos que estão inseridos digitalmente e que necessitam de uma referência relativa a um posicionamento crítico sobre as informações acessadas.

Para tanto, a formação docente deve ser repensada, de modo que os professores possam utilizar os recursos tecnológicos de forma significativa. Sobre esse ponto de vista, Valente (2005) expõe a necessidade de preparar os professores para que possam compreender as características constitutivas das tecnologias disponíveis para que assim possam combinar e interagir de forma que una o conhecimento técnico com os propósitos pedagógicos que as TIC têm a oferecer. Para Barros (2009), além desses dois aspectos para a utilização das TIC na educação, se faz necessário que o professor perceba o momento ideal para a inserção correta das tecnologias na aula.

Para uma sociedade que tem se tornado cada vez mais digitalizada, abre-se um leque à uma formação de professores especializados na área de Computação, mas com fins pedagógicos. Tais conhecimentos tornam-se indispensáveis à formação de professores, com ênfase para as áreas de Química, Física e Matemática. No entanto, pesquisas como a de Castro e Vilarim (2013) mostram que apesar das iniciativas de formação inicial e continuada, em universidades e escolas, visando preparar os docentes para lidar com os recursos tecnológicos digitais, não têm surtido o efeito esperado.

O Brasil carece de formação relativa à educação básica que seja capaz de preparar o jovem para lidar com os conhecimentos computacionais mais elaborados. Pesquisas como as de França (et al, 2012) mostram que a Computação nas escolas brasileiras é trabalhada apenas na forma de projeto, desvinculada das disciplinas convencionais.

Na contramão dessa realidade, escolas da Inglaterra, Canadá e Israel, por exemplo, já inseriram a computação nos seus currículos por entenderem que há ligações indiscutíveis entre essa área e a matemática, ciências e design. A proposta favorece que os alunos modelem, computacionalmente, problemas do mundo real, impactando no aprendizado relativo à inovação tecnológica, indústrias digitais, impressão 3D e robótica. Como se percebe, em países com esse pensamento, entende-se que o “pensamento computacional” ganha espaço e serve de esteio multidisciplinar ao aprendizado do aluno, como aponta Scaico (2012, p. 02).

Tal lacuna, reportada ao ensino de computação, no currículo da escola brasileira priva as escolas, do ensino de disciplinas desta área em cursos profissionalizantes, bem como da introdução de fundamentos dessa ciência nos currículos regulares da educação fundamental e média. Isso esvazia a realização de projetos interdisciplinares e transversais, da informatização escolar, da busca, análise e projeto de softwares educacionais e objetos de aprendizagem de qualidade, dentre muitos outros (PRIETCH; PAZETO, 2009).

Diante dessa visão escolar ainda tímida para o uso das tecnologias digitais no suporte ao ensino e a aprendizagem, novos cursos vêm sendo criados a fim de suprir a carência de um uso significativo das TIC nas escolas. Castro e Vilarim (2013) destacam que o curso de Licenciatura em Computação (LC) tem sido visto como uma nova aposta para a introdução da área de computação na educação.

O intuito do curso é formar recursos humanos para lidar com os conhecimentos da Computação e, portanto, com o ato de computar qualquer objeto, seja ele informação, imagem, números, som, texto, gráficos ou outro objeto computável. Os cursos de Licenciatura em Computação “visam formar educadores para atuarem na educação básica e instituições que introduzem a computação em seus currículos” (CABRAL, 2008, p. 08).

No Brasil, a licenciatura na área de Computação é recente. A Universidade de Brasília iniciou em 1989 as discussões para a implantação do primeiro curso de Licenciatura em Computação do Brasil. Contudo, o projeto só foi concretizado em 1997. Desde sua criação seus objetivos são praticamente os mesmos. Cabral et al. (2008, p.27) expõem que os propósitos do curso LC são:

- i) formar recursos humanos para projetar sistemas de *software* para educação a distância; ii) formar recursos humanos para projetar *software* educacional; iii) formar educadores para o ensino de Computação em instituições que introduzirem Computação em seus currículos, como matéria de formação.

Ainda nessa perspectiva, Cabral et al (2008) expõe que a criação do LC se trata de uma mudança de natureza política, uma vez que geralmente o meio acadêmico acompanha o movimento do mercado, e que apesar do forte investimento em cursos de graduação em computação, estes não estavam preparando as pessoas para atuar como licenciados. A abertura do LC é uma busca de regular as estratégias e posicionamento e desenvolvimento da computação no país.

Em consulta ao E-MEC foi averiguado que em 2017 há um conjunto de 53 instituições de ensino superior oferecendo o curso de Licenciatura em Computação no

Brasil². Diante da expansão significativa dos cursos de LC e seus objetivos tão atuais para a escola contemporânea,³ verificou-se que este curso tem sido pouco discutido, ao buscar pelo tema em artigos, relatórios de pesquisa, livros, dissertações e teses, nos sites de caráter científico como banco de teses da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Scielo*.

Nesse cenário, a Faculdade de Educação a Distância da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), situada em Dourados (MS), oferta, desde 2012, o curso de Licenciatura em Computação em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB). Considerando, portanto, a limitação da escola brasileira em termos do currículo para o ensino médio, que se constitui a problemática da pesquisa, buscou-se estudar, a fim de identificar, o campo de atuação profissional desse licenciado. A partir disso, portanto, algumas questões foram levantadas tais como: Qual a área de atuação dentro da escola pública, uma vez que ainda não há a disciplina de tecnologias nas escolas públicas de ensino formal no Mato Grosso do Sul? Como os egressos visualizam seu campo de atuação?

Com base nessa discussão, este artigo objetiva apresentar a opinião dos egressos sobre o campo de atuação dos profissionais de Licenciatura em Computação (LC), de forma que se possa identificar onde o licenciado em Computação atua, se na escola, se em outros espaços. O artigo, portanto, está estruturado em três seções, incluindo esta introdução. A segunda seção trata da apresentação das concepções dos egressos, onde se apresentam os dados extraídos da pesquisa de mestrado e sua análise. A conclusão, como última seção, apresenta os resultados obtidos na pesquisa.

2. Concepções dos egressos do curso de LC da UFGD

Nesta seção mostra-se o tipo de pesquisa, seu desenvolvimento, os dados obtidos e suas análises. A pesquisa foi de caráter qualitativo, de natureza descritiva, tendo em vista as opiniões dos alunos egressos o seu campo de atuação, na perspectiva da realidade do mundo do trabalho encontrada pelos egressos (OLIVEIRA, 2008, p.7).

O instrumento de coleta de dados foi a de entrevista pautada em questionário semiestruturado que teve como critério de inclusão os egressos das turmas de 2012 e 2013 do curso de Licenciatura em Computação da Faculdade de Educação a Distância da Universidade Federal da Grande Dourados, ao todo, 35 participantes.

A pesquisa aconteceu entre agosto de 2015 e outubro de 2016 e destaca-se que nessa fase da pesquisa foi possível verificar o interesse dos egressos em participar da pesquisa, sendo que em muitos momentos enfatizaram a importância de pesquisas sobre o curso, para que este passe a ser ainda mais valorizado. Os dados apresentados nas cinco tabelas seguintes apresentam a identificação dos sujeitos da pesquisa.

² Destaca-se que o sistema e-MEC computam apenas as instituições federais e particulares, excluído as instituições estaduais, municipais e ensino tecnológico.

³ Foi utilizado palavras-chave para o desenvolvimento desta pesquisa nos sites de caráter científico, tais como: Licenciatura em Computação, Formação Docente e Tecnologias Digitais.

Tabela I: Identificação dos egressos sujeitos da pesquisa

Sexo	Frequência	%
Feminino	16	45.7
Masculino	19	54.3

Fonte: Autoria própria (2017).

Tabela II: Faixa etária dos alunos egressos sujeitos da pesquisa

Idade	Frequência	%
20 a 30 anos	13	37.1
31 a 40	16	45.7
41 a 50	5	14.3
51 a 60	1	2.9

Fonte: Autoria própria (2017).

De acordo com as tabelas I e II, é possível verificar que a maioria dos alunos egressos é do sexo masculino. A faixa etária mais comum é de 31 a 40 anos, (16 egressos) e a menos comum de 51 a 60 anos (1 egresso). No que se refere à diferença entre gêneros, este cenário vai ao encontro das pesquisas realizadas pela SBC, que apresentam a predominância masculina na área de informática. Contudo nesta pesquisa a diferença é relativamente pequena se comparada com as apresentadas em pesquisas recentes. Segundo Lima (2013) os cursos de graduação mais buscados pelos homens são das áreas das exatas, tais como engenharia, tecnologia, indústria e computação. Na área de computação, a concentração de homens chega a 79,9%, sendo assim, entre os que estão na Ciência da Computação, apenas 20,1% são mulheres.

Outra pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira da Computação, apontou que esse número tem diminuído cada vez mais desde meados dos anos 90, na graduação a quantidade de mulheres caiu de 30% para 5 ou 10%. Em relação ao número de professoras, varia entre 25% a 30% do total (LIMA, 2013). Como observado a realidade da licenciatura em Computação da EaD/UFGD, mostra-se diferente das pesquisas apresentadas acima, acredita-se que esta ocorrência se deve ao fato de ser uma licenciatura, contudo ao possibilitar atuar não só na área educacional o curso irá contribuir para a inserção da mulher nessa área predominantemente masculina, diminuindo assim o conceito de que mulheres não atuam na área da ciência da computação.

A tabela III apresenta o nível de escolaridade dos sujeitos participantes da pesquisa, apresentando se o curso de Licenciatura em computação foi sua primeira graduação. Vale destacar que abaixo de cada tabela é exposto o grupo de respostas que foram mais evidências em determinada categoria.

Tabela III: Nível de escolaridade dos alunos egressos sujeitos da pesquisa

Categoria	Menções	%
Primeira Graduação	22	62,9
Segunda Graduação	13	37,1
Total: 35		

Fonte: Autoria própria (2017).

Conforme exposto na tabela III, 62,9% dos alunos egressos não possuíam outra graduação, tendo o curso de LC como seu primeiro curso superior. Algumas falas dos alunos egressos apontam que a escolha do curso em muitos casos deve-se por ser EaD ou para terem uma graduação.

Eu gosto da área de informática, e eu queria um curso superior, entre os disponíveis EaD. (A2).

Por ter polo aqui na Costa Rica, por ser EaD, o horário tudo. Eu quis mudar de ramo (A9).

Além de ter uma graduação, foi uma oportunidade que surgiu por ser EaD a facilidade e dentre os que tinham escolhi esse. (A10).

Porque eu não queria mudar da minha cidade e dentre os cursos da EaD foi o que eu me identifiquei. (A17).

Este cenário faz reportar às ideias de alguns autores que caracterizam como os cursos de graduação a distância têm possibilitado a inclusão defendida pelas autoridades públicas com o argumento da urgência da inclusão social e da necessidade de se permitir que brasileiros em regiões distantes dos centros urbanos ou das universidades possam ter acesso ao ensino superior. Segundo Formiga (2009), cada vez mais tem sido discutido e apresentado os dados que comprovam o grande crescimento da oferta e matrícula de alunos nos cursos superiores, acelerado pela expansão de vagas nas instituições públicas e privadas.

A Tabela abaixo apresenta as respostas mais recorrentes no que se refere ao interesse dos alunos egressos em cursar a Licenciatura em Computação.

Tabela IV: O Interesse dos alunos egressos sujeitos da pesquisa em fazer o curso de LC da EaD/UFGD

Categoria	Menções	%
Por já atuar na área educacional	12	34.2
Por ter interesse em atuar na área educacional	10	28.5
Por ter interesse na área de informática	4	11.4
Para ter um curso de nível superior	9	25.7
Total: 35		

Fonte: Autoria própria (2017).

Eu sou PROGETEC há nove anos e quis fazer o curso para me especializar. (A8).

Como eu já estava em sala de aula a 14 anos, eu estava cansada e eu sempre gostei de tecnologia fui pra sala e então surgiu a oportunidade do curso de LC.(A5)

Eu estava trabalhando em sala de tecnologia eu era PROGETEC e não tinha muito conhecimento e me interessei fiz o curso sem saber muito de nada e acabei gostando. (A10).

Eu era bacharel e estava dando aula nos cursos técnicos de informática e programação e a licenciatura é para ajudar profissionalmente. Eu estou dando aula para a SED, está tendo o curso técnico de programação e ele envolve as disciplinas do curso de licenciatura em computação. Eu dou aula para o ensino médio, nele é incorporado o ensino técnico que no caso é a programação, é integrado no ensino médio às disciplinas normais e as técnicas referentes ao curso técnico em informática integrado ao ensino médio. No caso o aluno tem 19 disciplinas no primeiro ano as normais e as técnicas da área de programação, é em uma escola que tem laboratório tudo certinho. (A6).

Em síntese, observa-se que a maioria dos alunos entrevistados já atuava na área educacional, acredita-se que este fator deve-se que como explicitado no capítulo II desse estudo, onde inicialmente a entrada no curso era pelo PARFOR por meio da Plataforma Freire, onde a primeira seleção de alunos para curso foi constituída de professores em exercício nas escolas públicas, sem formação no nível da graduação, fora da área de formação, ou ainda destinado aos professores com bacharelado e sem licenciatura, bem como em atendimento à demanda social.

Diante das falas, podemos verificar a relevância do PARFOR para a formação docente, como visto alguns profissionais atuavam como professores, mas eram técnicos ou bacharéis, ou ainda como PROGETEC sem ter grandes noções de informática, provavelmente sem o PARFOR esses professores continuariam atuando sem o conhecimento necessário para atuar de forma significativa por não ter os saberes necessários. Contudo, o que chama mais atenção e a fala da aluna 10 que afirma que trabalhava na sala de tecnologia e não tinha conhecimentos de informática, por se nomear PROGETEC é certo que se trata de um professor do Estado que passou pelo processo seletivo, por alguns cursos exigidos e mesmo assim afirma que não tinha formação para atuar na sala de tecnologia. Outro ponto que faz elevar o número de alunos que já atuavam no campo educacional é que em muitas escolas e instituições de ensino que contrata técnico em informática para estar lecionando informática. Na tabela V, mostra-se as respostas mais recorrentes no que se referem onde os egressos pretendem atuar

Tabela V- Como os alunos egressos visualizam seu futuro campo de atuação

Categoria	Menções	%
Pretende ou já atuo na área educacional	25	71.4
Pretendo ou já trabalha em empresas/instituições relacionadas à área de informática	6	17.1
Não tenho clareza quanto a área de atuação	4	11.5
Total: 35		

Sim pretendo, quero atuar em escolas, como PROGETEC.(A4).

Já atuo como professor, antes do curso eu recebia como leigo e agora eu recebo como professor, eu era como um técnico. (A6).

Já atuo no município na STE, mais como técnica, por que no município só técnico, mesmo eu sendo formada. (A11).

Ainda não, mas pretendo ser PROGETEC, eu fiz o estagio e gostei vi como podemos ajudar as crianças com os computadores. (A12).

Já atuei como instrutor em cursos técnicos, na última vez foi no SENAC, mas eu tenho interesse em trabalhar como professor se eu tiver oportunidade. No momento sou autônomo crio sites pra empresas, instituições. (A14).

Já atuei no momento sou coordenadora de uma escola privada, mas esse ano eu vou começar a dar aula de informática particular eu mesmo vou abrir um negócio. (A17).

Pretendo, mais não consegui espaço, está muito difícil porque eles dão preferência pra um técnico, no município um técnico e no Estado qualquer professor é como se essa licenciatura não tivesse sido reconhecida (A20).

Pretendo como professor, eu fiz minha inscrição para o curso de PROGETEC (A33).

As respostas mais recorrentes nesse quesito demonstram que a maioria dos alunos egressos pretende trabalhar na área educacional ou já atuavam. Os alunos apontam o trabalho do PROGETEC como o principal *locus* de trabalho e apontando as dificuldades para conseguir espaço nas escolas públicas.

Como já discutido anteriormente, o trabalho dos PROGETEC tem cada vez mais se caracterizando como um técnico que gerencia as tecnologias e em instituições particulares e redes municipais de ensino tem optado por dar preferência para um técnico na hora de assumir esse cargo.

De acordo com a fala da aluna11 que destacou que mesmo já sendo formada no curso de Licenciatura em Computação, a rede municipal continua remunerando-a como uma técnica do município. Esse fato faz lembrar-se dos objetivos do PARFOR que visa oferecer cursos superiores para professores em exercício em escolas públicas que não possuem a formação adequada proposta pela LDB. Muitos professores se inscreveram no curso de LC por meio do PARFOR, com vista de tornar-se um professor graduado e poder receber como tal. A não valorização da formação docente desmotiva os professores a estarem buscando novos conhecimentos e consequentemente a desempenhar um trabalho com mais motivação. Outro ponto deve-se que no momento em que as redes públicas de ensino

municipal e estadual não põem em prática os programas ou políticas educacionais, acabam por geral descrença nas políticas voltadas para a formação e valorização de professores.

Em se tratando da **contribuição em ter um Licenciado em Computação nas escolas** as falas foram:

Nas escolas enquanto PROGETEC seria como técnico, mas se tivesse a disciplina de tecnologias ai sim teria proveito ter um LC nas escolas, mas da forma que hoje o PROGETEC não ajuda em nada ele é um apoio apenas. (A8).

Eu tive muita experiência com o PIBID, eu presenciei como os professores são leigos com a informática, tem professor que sabe mexer com celular mais não sabe mexer com o notebook, computador, então seria bom não só para os alunos, mas pra escola como um todo. (A10).

Olha seria muito grande, eu pude constatar no estágio que os professores têm um pequeno conhecimento técnico, mais falta saber elaborar coisas novas, os PROGETEC não têm essa experiência, e pra ser contratado é só no QI quem indica. Os professores têm muita dificuldade de inserir essa aula com tecnologias, de ligar o computador com o conteúdo. (A20).

No estágio que eu fiz eu pude ver como os PROGETEC não entendem nada de informática, só o básico, só estão ali pelo salário se pede uma ajuda eles não têm noção nenhuma. Agora se tem uma pessoa formada na área é diferente, eu tenho certeza que, por exemplo, eu mesmo teria mais capacidade que muitos PROGETEC. A Lousa Digital aqui na minha cidade não conheço um que saiba usar, a maioria usa como data Show. No meu estágio eu fiz um grupo no WhatsApp, porque eu trabalhei a questão da tecnologia, e nós exploramos mesmo e os alunos mostram interesse participam, mas a dificuldade foi a internet os alunos em um grupo de 16 só 5 tinha internet, então eles só participavam na escola, só que a internet na escola é um caos, mas eles tinham muito interesse. (A26).

Caso haja oportunidade, que até o momento o governo ainda não proporcionou o ingresso desses Licenciados no Estado para atuarem em escolas, seriam várias as contribuições, devido a qualificação que possuímos, uma delas seria a utilização adequada dos recursos tecnológicos em sala de aula para atrair os alunos, bem como promover o interesse nos professores que ainda não se sentem a vontade com os recursos tecnológicos. (A33).

As falas dos alunos egressos demonstram que eles já conhecem o cenário educacional das escolas públicas de Mato Grosso do Sul e principalmente o trabalho do PROGETEC que foi o mais citado e criticado. Observa-se que, os alunos egressos já sabem das dificuldades que o uso das tecnologias enfrenta nas escolas e apontam as possíveis causas e soluções.

O trabalho dos professores regentes e principalmente dos PROGETEC foi duramente criticado, com falas de que são: apenas técnicos, um apoio, apenas responsáveis pela STE e a mais dura de que os PROGETEC não entendem nada de informática e geralmente não estão dispostos a ajudar. Acredita-se que estes alunos egressos não tenham se deparado com bons profissionais e por esse motivo generalizam, contudo apesar das dificuldades que os professores enfrentam, há, sim, bons profissionais, entretanto, algumas falas vão sim ao encontro do que autores da área explanam principalmente a questão do PROGETEC estar cada vez mais caminhando para um perfil de técnico, fato que já foi discutido nesse estudo.

Outro ponto de destaque deve-se ao modo como irão contribuir com essa realidade, primeiramente pode-se destacar a fala da A33 que demonstra bem o contexto atual, de que “caso haja oportunidade, que até o momento o governo ainda não proporcionou o ingresso desses licenciados no Estado para atuarem nas escolas”.

Os benefícios destacados serão os de proporcionar a exploração de novos recursos, usar a lousa digital, desenvolver novas metodologias utilizando as TIC, atrair os alunos e promover o interesse do professor. Apenas um aluno egresso destacou a criação de uma disciplina de TIC, os demais por meio de suas falas vislumbram-se trabalhando como PROGETEC.

Apesar das duras críticas que os alunos egressos fazem, demonstram em suas falas entusiasmo e vontade de trabalhar de forma diferente da realidade que eles apresentaram, o que de fato já é algo positivo. No entanto, a formação do LC proporciona muito mais do que apenas usar novos recursos e explorar novas metodologias, ao longo desse estudo pode-se verificar que sua formação permite muito mais, porém para tanto são necessárias mudanças no cenário educacional.

3. Considerações Finais

Verificou-se ao término desse estudo a importância das discussões sobre o uso das TIC nas escolas públicas e principalmente sobre a possível contribuição do profissional licenciado em Computação, com todos os sujeitos envolvidos nesse processo acredita-se que por meio desses profissionais é possível acontecer as mudanças necessárias no que se refere ao uso significativo das TIC nas escolas públicas.

Por meio das falas dos egressos do curso de LC foi identificado que a maioria tem interesse ou já atuavam na área educacional. Como já foi destacado muitos professores que estavam atuando como PROGETEC tinham outras licenciaturas e viram na LC uma forma de aperfeiçoamento, outro ponto deve-se que alguns já atuavam mesmo sem formação superior ou licenciatura na área de computação em escolas, pois em muitas redes públicas de ensino ainda prevalece a contratação de técnicos em informática para estarem atuando nas Salas de Tecnologias.

No que se refere ao campo de atuação, a maioria dos alunos egressos sujeitos da pesquisa afirmaram ter interesse em atuar no campo educacional principalmente nas escolas públicas e apontaram as dificuldades que estão tendo para atuar, uma vez que ainda há pouco espaço. Por meio de suas falas afirmaram que ao tentarem realizar o cadastro para professor temporário na função de PROGETEC, não há no campo formação a Licenciatura em Computação, fato este que os impede de concorrer a vaga.

Diante desse contexto, vale ressaltar as críticas que os alunos Egressos fizeram ao trabalho do PROGETEC, tais como: a função dele se caracterizar cada vez mais como técnico, a falta de conhecimento que alguns demonstram a falta de formação e a contratação por indicação. Apesar dessas dificuldades, os egressos mostram em suas falas estarem aptos para atuarem nesse cenário e fazer a diferença caso seja lhes dado a oportunidade. Outro ponto de destaque deve-se dentre os entrevistados alguns alunos, já evidenciam estar esperançosos com as mudanças no ensino médio e a possível inserção da disciplina de TIC no currículo escolar, tendo está como uma nova oportunidade de trabalho.

A inserção da disciplina de TIC nas escolas pública estaduais de ensino médio era um fato debatido, estudado e com primícias de que poderia acontecer, mas que demandaria tempo, no entanto diante das circunstâncias este evento já está ocorrendo. Foi verificado por meio da fala do Aluno06 que um novo cenário de atuação já está sendo instaurado, pois o mesmo está atuando como professor em uma escola estadual no ensino médio ministrando a disciplina de programação.

No início deste estudo foi levantada a questão que remete a saber qual mercado de trabalho capaz de incorporar a mão de obra do Licenciado em Computação, se em escolas, essencialmente, públicas ou outros espaços laborais. A pesquisa aponta que o espaço escolar público, como os PROGETEC são os mais aptos a receber esse profissional. Em um segundo momento diante das mudanças atuais no novo ensino médio, o caminho que aponta é a inserção da disciplina TIC, servindo de esteio aos profissionais de licenciatura em Computação.

4. Referências

BARROS, Daniela Melaré. **Guia Didático sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação**: Para o trabalho Educativo na Formação Docente. Rio de Janeiro: Viera &Lent, 2009.

CABRAL, Maria Izabel C.et al. **A trajetória dos cursos de graduação da área de computação e informática**: 1969-2006. Rio de Janeiro: SBC, 2008.

CASTRO, Cilmar; VILARIM, Gilmar. Licenciatura em Computação no cenário nacional:embates, institucionalização e o nascimento de um novo curso. **Revista Espaço Acadêmico**, n.148, set. 2013.

FORMIGA, Marcos. A terminologia da EAD. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.). **Educação a distância**: o estado da arte. 2. ed. São Paulo: Pearson Education, 2009. p. 39-46.

LIMA, Michelle Pinto. As mulheres na Ciência da Computação. **Rev. Estudos Feministas**. Florianópolis, vol.21 no.3. Sept./Dec. 2013.

PRIETCH, Soraia Silva; PAZETO, TatianeAnoni. Análise, Sugestões e Perspectivas de um Curso de Licenciatura em Informática. In: **WEI/XXIX SBC**, Bento Gonçalves/RS, 2009.

SCAICO, Paulo. et al. Um Relato de Experiências de Estagiários da Licenciatura em Computação com o Ensino de Computação para Crianças. **Revista Novas Tecnologias - RENOTE**, v.10, n.3, 2012.

VALENTE, José Armando. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In Almeida, Maria Elizabeth Bianconcini e Moran, José Manoel (Org). Salto Para o Futuro. **Integração das Tecnologias na Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.